

Atitudes dos jovens alunos face a si próprios e ao ambiente: Um projeto de investigação

Maria da Conceição Martins¹ & Feliciano Henriques Veiga²

¹*Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Bragança (Portugal)*

²*Instituto de Educação, Universidade de Lisboa (Portugal)*

cmartins@ipb.pt, fhveiga@ie.ulisboa.pt

Resumo

Enquadramento Conceptual: O estudo das atitudes face ao ambiente tem vindo a ganhar notoriedade nos últimos anos, à medida que os problemas ambientais se agravam. Contudo, os estudos empíricos referem a necessidade de aprofundamento das investigações. Entender a imagem que os jovens têm de si próprios poderá contribuir para a melhoria do ensino e da educação ambiental. O projeto de tese de doutoramento que nos encontramos a realizar visa encontrar respostas para o seguinte **Problema de investigação:** *Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios (autoconceito) (AFSP) e face ao ambiente (AFA), como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores?* **Objetivos:** (a) Descrever as AFSP e as AFA; (b) Identificar a existência e a natureza das relações entre o autoconceito e as AFA; (c) Identificar as variáveis independentes que predizem os resultados da variável dependente. **Metodologia:** Quantitativa, com utilização do SPSS e realização de análises correlacionais e diferenciais. A amostra será constituída por cerca de 1200 estudantes, de ambos os sexos, do 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade, metade do interior (Bragança) e metade do litoral (Caldas da Rainha). Os dados serão recolhidos através de um inquérito que inclui os instrumentos: “Environmental Attitude Inventory” (EAI-24), de Milfont e Duckitt (2010), Escala de Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente, de Martins e Veiga (2001), e Escala “Autoconceito Forma 5” (AF5), de García e Musitu (2014). **Resultados:** Espera-se que os resultados permitam proceder à caracterização das atitudes analisadas e encontrar relações consistentes entre o autoconceito e as AFA, assim como obter informação que permita entender os fatores de que dependem.

Palavras-chave: Atitudes dos jovens face a si próprios; Atitudes dos jovens face ao ambiente; Autoconceito; Educação ambiental.

Abstract

Conceptual framework: The study of attitudes towards the environment has gained notoriety in recent years, as environmental problems become worse. However, empirical studies have reported the need for further investigations. Understand the image that young people have of themselves can contribute to the improvement of environmental education. The doctoral thesis project that we are conducting aims to find answers to the following

Research problem: How to characterize the attitudes of young students face themselves (self) and towards the environment, how these variables are related to each other and what are their factors? Objectives: (a) Describe the attitudes face themselves and attitudes towards the environment; (B) identify the existence and nature of the relationship between the self-concept and the attitudes towards the environment; (C) Identify the independent variables that predict the results of the dependent variable.

Methodology: Quantitative, using SPSS and conducting correlational and differential analysis. The sample consists of about 1,200 students, of both sexes, of the 7th, 9th and 11th grade, belonging to schools of Bragança (located in the northern interior) and Caldas da Rainha (located on the coast). Data will be collected through a survey that includes the tools: “Environmental inventory attitude” (EAI-24) of Milfont and Duckitt (2010), Environmental Attitudes Youth Scale, Martins and Veiga (2001), and “Autoconcepto Form 5” (AF5), Garcia and Musitu (2014).

Results: It is expected that the results to characterize the analyzed attitudes and find consistent relationship between self-concept and the attitudes towards the environment, as well as to get information that allows to understand the factors on which they depend.

Keywords: Attitudes of young people face themselves; Attitudes of young people towards the environment; Self-concept; Environmental education.

1. Introdução

A participação individual nos processos de preservação da qualidade ambiental é atualmente considerado um dos maiores desafios das sociedades modernas e os jovens têm um papel central nessa mudança. Por isso se considera que o estudo deste fenómeno tem particular relevância na atualidade, pois contribuirá para compreender como se posicionam os jovens em relação a estas questões e refletir sobre o que fazer, tanto ao nível das escolas, como das famílias e das comunidades, para promover uma mudança mais acentuada e consistente das suas atitudes.

A investigação sobre as atitudes face ao ambiente ganhou notoriedade nos últimos anos, à medida que os problemas ambientais se agravaram em consequência dos impactes causados pela ação do homem. Contudo, os estudos empíricos sobre os fatores pessoais e sociais que condicionam as

atitudes face ao ambiente referem a necessidade de aprofundamento das pesquisas, quer através da validação de instrumentos que possam contribuir para uma melhor análise da realidade, quer através da utilização de novos grupos de estudo. Este projeto de tese propõe-se, por isso, encontrar um modelo explicativo sustentado em três aspetos: por um lado, as atitudes face ao ambiente, como processo psicológico de valorização de um objeto social, por outro lado as atitudes face a si próprio, como processo psicológico de valorização das suas próprias ações, e ainda as relações entre as atitudes face a si próprio e as atitudes face ao ambiente e como as mesmas se diferenciam em função de variáveis independentes de natureza pessoal, escolar e familiar.

1.1 Delimitação do tema

A revolução ambiental operada nas últimas três décadas do século XX levou à necessidade de olharmos para o mundo de forma holística e sistémica, tendo em consideração, simultaneamente, os seres vivos mais simples e os mais complexos, os pequenos sistemas locais e a biosfera como um todo, as circunstâncias físicas, químicas e biológicas dos sistemas naturais, mas também a dimensão humana nas suas múltiplas vertentes: psicológica, social, tecnológica, económica. A partir daí, a Educação Ambiental tem vindo a tentar que os cidadãos ganhem consciência sobre os problemas ambientais e adquiram conhecimentos, competências, valores, motivações e compromissos para participarem e tomarem decisões responsáveis relativamente ao ambiente (Schmidt, Nave, & Guerra, 2010). O Relatório 2015 sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) reconhece que os esforços feitos ao nível mundial para os alcançar vieram demonstrar que sabemos o que fazer, mas também que os progressos futuros nesta matéria exigirão uma vontade política firme e esforço coletivo a longo prazo (ONU, 2015). A Educação Ambiental para a Sustentabilidade ganha, assim, um novo enquadramento.

A progressiva influência do conceito de sustentabilidade ecológica levou a psicologia ambiental a mudar a sua perspetiva de observação, passando a dar mais atenção ao estudo das relações estabelecidas entre o Homem e a Natureza, nomeadamente aos comportamentos e ações quotidianas que possam afetar os processos ou os recursos naturais, quer a nível local, quer global. Nesse sentido, uma das primeiras tarefas desta área de expansão da psicologia ambiental foi procurar compreender como é que o ambiente, visto nesta perspetiva ecológica, se torna psicologicamente relevante nas e através das ações e experiências das pessoas que vivem e atuam nele (Bonnes & Bonaiuto, 2002). Em consonância com esta perspetiva, o autoconceito surge como uma variável mediadora que ajuda a explicar outros resultados (Marsh, 2006). A pertinência da investigação sobre a dinâmica que envolve o *self* encontra-se justificada nos inúmeros estudos efetuados ao longo do tempo, tentando a

compreensão mais aprofundada do funcionamento do núcleo mais central da personalidade humana (Veiga, 2012). “As rápidas transformações da sociedade contemporânea, cada vez mais tecnológica e impessoal, exigem de cada ser humano uma identidade consigo mesmo (...) e portanto uma necessidade de conhecer-se a si-mesmo e de saber responder à questão *Quem sou eu?*” (p. 25).

A pesquisa científica sobre as atitudes face ao ambiente centraram-se precisamente no estudo da relação de cada indivíduo e de cada comunidade com a sustentabilidade ecológica dos seus contextos e do planeta e, embora as investigações iniciais se tivessem centrado no estudo do crescimento da preocupação ambiental nos países mais desenvolvidos, examinando as variações entre diferentes setores da sociedade, o nível de interesse pelo estudo da correlação entre os fatores sociais e a preocupação ambiental foi-se intensificando (Dunlap, 2002; Hawcroft & Milfont, 2010).

1.2 Formulação do problema e questões de estudo

Esta investigação propõe-se encontrar um modelo explicativo que permita conhecer como se relacionam as atitudes face ao ambiente, como processo psicológico de valorização de um objeto social, as atitudes face a si próprio, como processo psicológico de valorização das suas próprias ações, e como aquelas se diferenciam em função de variáveis independentes de natureza pessoal, escolar e familiar. O projeto de tese de doutoramento que nos encontramos a realizar tem por objetivo procurar respostas para o seguinte **problema de investigação**: *Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios (autoconceito) e face ao ambiente, como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores?* Pretende-se portanto alcançar os seguintes **objetivos** específicos: 1) Descrever as atitudes face a si próprio e as atitudes face ao ambiente; 2) Identificar a existência e a natureza das relações entre as atitudes face ao ambiente e o autoconceito; 3) Identificar quais as variáveis independentes que predizem os resultados da variável dependente.

Na medida em que as atitudes são disposições internas do indivíduo e que não podem ser medidas diretamente, considera-se que o estudo das suas dimensões e da forma como as variáveis independentes internas e externas ao indivíduo as condicionam, pode constituir um contributo substantivo para a investigação das mesmas. A falta de estudos prévios que analisem a relação entre estas variáveis, nomeadamente entre jovens, conduziu à formulação de questões de investigação mais específicas, nas quais se procura refletir também o tipo de análise estatística pretendida para encontrar as respostas. Assim, as **questões de estudo** são: 1) Como se distribuem os alunos pelas dimensões do autoconceito? 2) Como se distribuem os alunos adolescentes pelas dimensões das atitudes face ao ambiente? 3) Que relação existe entre as atitudes dos jovens face a si próprios e face ao ambiente? 4) Existem diferenças estatisticamente significativas nas atitudes face ao ambiente, em

função do autoconceito dos sujeitos e, ao mesmo tempo, de cada uma das variáveis independentes estudadas? 5) Que correlações existem entre as atitudes face ao ambiente e cada uma das variáveis independentes estudadas? 6) Qual a variância explicada em cada uma das dimensões das atitudes face ao ambiente, por cada uma das variáveis autoconceito, idade, sexo, área geográfica (interior *versus* litoral), rendimento escolar (reprovações e classificações obtidas no ano anterior), preferência pelas áreas de estudo (ciências *versus* letras), situação laboral dos pais (empregados *versus* não empregados), NSC da família (habilitações escolares dos pais) e o tempo a ver TV? Pretende-se que as análises a efetuar para dar resposta às questões mencionadas contribuam para a compreensão dos fatores sociais e cognitivos que podem intervir a nível das atitudes dos jovens face a si próprios e ao ambiente.

2. Enquadramento conceptual

Na atualidade, importa perguntar: estarão todas as pessoas igualmente preocupados com o ambiente e com a necessidade e urgência de encontrar soluções para os problemas ambientais? Julgando pela comunicação social, sondagens e alguns indicadores no seio das comunidades, poderemos pensar que sim, que o interesse e preocupação com o ambiente são generalizados e que já não está na moda ser anti-ambiente. Contudo, individualmente, em privado, na verdade, muitas pessoas não estão assim tão preocupadas com estas questões e os resultados obtidos nos estudos empíricos nem sempre são positivos e consistentes entre si (Gifford, 2007). Face a estas circunstâncias, é crucial que os investigadores tenham mais e melhor informação que lhes permita entender porquê as pessoas desvalorizam os problemas ambientais, e uma das formas de obter essa informação é através da medição das atitudes face ao ambiente, com instrumentos válidos e confiáveis (Hawcroft & Milfont, 2010). Por isso, faz sentido fazer também outras perguntas: Haverá diferenças nas atitudes face ao ambiente entre mulheres e homens? Ou mudarão com a idade? Ou em função de outros fatores socioculturais, como o grau de escolaridade, a profissão, o local de residência, a religião, as diferenças étnicas, ou outras?

Considerando que o interesse pelas questões ambientais está generalizado, mas talvez não de forma tão profunda, comprometida e universal como seria desejável, como poderemos incrementá-lo? A resposta mais ampla a esta questão será: através da educação. Mas qual a melhor forma de educar as pessoas não está completamente entendido. A finalidade central da Educação é promover o desenvolvimento das pessoas e as suas aprendizagens, mas para isso é relevante que se aprenda a ensinar e se aprenda a aprender, significativamente (Veiga, 2013). Contudo, tal como Gifford (2007)

salienta, a Educação Ambiental pode fazer aumentar a preocupação para com o ambiente, mas nem todos os programas de Educação Ambiental resultam com todos os participantes, em grande medida porque se centram muito no conhecimento e dedicam menos atenção às outras componentes das atitudes. Por isso, esses programas de ensino devem ser baseados tanto no conhecimento das atitudes dos estudantes para com a proteção do ambiente como no conhecimento dos fatores internos e externos que podem contribuir para aumentar a sua intensidade e persistência (Hebel, Montpied, & Fontanieu, 2014). Só depois de se conhecer as atitudes face ao ambiente, os fatores que influenciam a sua formação e evolução, e se, ou em que medida, os indivíduos transpõem as suas atitudes para os comportamentos, seremos capazes de propor uma forma de ensino capaz de melhorar as atitudes do público em relação à natureza (Hunter, 2000).

2.1 Atitudes dos Jovens face a si próprios

O estudo das atitudes dos alunos face a si próprios – autoconceito - constituirá uma forma útil e pertinente para a compreensão do seu desenvolvimento global e, por outro lado, permite também conhecer e compreender a posição do aluno face à escola e aos professores, constituindo um contributo fundamental para a construção e para o desenvolvimento das suas ações. Conhecer e perceber as atitudes face a si próprio poderá contribuir, tanto na educação formal, como na formação ao longo da vida e na educação não formal dos cidadãos, para a implementação de ações e programas de promoção das atitudes face a si próprio, com efeitos positivos, tendo em conta os interesses e as preferências dos participantes. No presente estudo, as “atitudes face a si próprio” são consideradas um constructo sinónimo do “conceito de si próprio” ou de “autoconceito”, sendo genericamente definidas como a perceção que o indivíduo tem das suas características próprias.

O autoconceito não é um constructo recente. Tem as suas raízes na velha questão “quem sou eu?”. Desde os filósofos gregos que existem vocábulos e conceitos que se assemelham ao autoconceito, como alma, espírito e vontade, embora analisados em quadros dogmáticos, religiosos, filosóficos e metafísicos (García, 1998). O autoconceito surge como um constructo útil, que permite que o indivíduo se conheça a si-próprio, como também o ajuda a explicar a adequação dos seus próprios comportamentos de acordo com o contexto dos sujeitos. Marsh, Byrne e Shavelson (1988), Veiga (2012) e outros consideram “a não existência de um autoconceito, mas sim uma variedade de autoconceitos com diferentes graus de importância” (Veiga, 2012, p. 33). Ou seja, o indivíduo tem várias crenças de si próprio, mas nem todas têm igual importância e significado, pelo que algumas, sendo periféricas, são mais suscetíveis de mudança (Purkey, 1981, citado em Veiga, 2006a). Daí a importância do seu estudo e das condições pessoais e sociais que podem desencadear essa mudança, bem como o

estudo dos eventuais efeitos que possam ter noutras dimensões da personalidade. O autoconceito é um constructo cheio de controvérsia pois tem sido conceptualizado pelos diversos autores de forma muito variável. Apesar disso, a importância do estudo do autoconceito tem vindo a crescer em várias áreas da psicologia, entre elas, a da psicologia educacional (Marsh & Craven, 2006; Veiga, 1989), dado tratar-se de um constructo com grande relevância educativa, nomeadamente na adolescência, uma vez que “educar o autoconceito tem repercussão numa série de áreas, a nível emocional, académico, social e familiar”, “dada a incidência deste fator sobre o rendimento académico e o desenvolvimento de diretrizes de desempenho socio pessoal” (García, 1998, p. 15).

As atitudes face a si mesmo correspondem a um conceito multidimensional e suscetível de desenvolvimento diferencial, como se verifica em muitos dos estudos revistos. Fuentes, García, Gracia e Lila (2011) consideram que, a partir dos anos 80, produziu-se uma mudança importante na perspetiva teórica multidimensional deste constructo. Entre estes modelos, sobressai o impacto do modelo hierárquico e multidimensional apresentado por Shavelson, Hubner e Stanton (1976), para quem a adequada perceção, organização e integração das experiências por que cada indivíduo passa constituem a chave explicativa para o seu adequado funcionamento comportamental, cognitivo, afetivo e social. Vários autores (Marsh & Craven, 2006; Fuentes et al., 2011; Veiga, 2012) salientam que muitos estudos empíricos reforçam o enquadramento teórico segundo o qual o autoconceito é um importante fator que deve ser tido em consideração no estudo da psicologia dos adolescentes, independentemente de ser considerado como constructo unidimensional ou multidimensional. No entanto, salientam que os resultados das investigações que utilizam medidas multidimensionais do autoconceito trazem informação mais ampla e específica. Ou seja, consideram que as medidas multidimensionais do autoconceito oferecem medições mais sensíveis, concretas e ajustadas, em comparação com as medidas globais, reduzidas ou pouco específicas proporcionadas pelos modelos unidimensionais, indo ao encontro da teoria desenvolvida por Shavelson et al. (1976) e tendo por base estudos desenvolvidos por numerosos investigadores que a foram validando e complementando.

A abordagem feita nesta investigação centra-se no estudo da multidimensionalidade do autoconceito na adolescência, uma etapa na qual a noção de *self* adquire o seu máximo desenvolvimento, na medida em que é nesse período que os jovens põem em dúvida muitos dos aspetos do conceito que têm de si mesmos, mostrando incerteza e ambiguidade próprias dessa idade.

2.2 Atitudes dos jovens face ao ambiente

As expressões “preocupação em relação ao ambiente” e “atitudes face ao ambiente” são frequentemente usadas como sinónimos na literatura pesquisada. Autores como Schultz, Gouveia, Cameron, Tankha, Schmuck e Franek (2005) utilizaram o termo “preocupação ambiental” para se

referir ao efeito associado aos problemas ambientais. Por exemplo, uma pessoa pode estar preocupada com as consequências negativas da poluição atmosférica para a sua saúde, ou preocupado com as consequências a longo prazo da deposição inadequada de resíduos domésticos perigosos. Ou seja, a preocupação ambiental refere-se às crenças sobre os problemas ambientais e é o resultado de um complexo processo de socialização que envolve família, amigos, colegas e professores, bem como agentes externos mais difusos, tais como meios de comunicação social (Graumann & Kruse, 1990, citado em Hunter, 2000). As atitudes são tipicamente expressas em graus de concordância (ou discordância), pelo que uma atitude refere-se ao julgamento avaliativo de uma pessoa sobre uma determinada entidade (Eagly & Chaiken, 1993, citado em Hunter, 2000). Nesse sentido, as atitudes face ao ambiente representam uma tendência do indivíduo para avaliar favoravelmente ou desfavoravelmente o ambiente natural (Hawcroft & Milfont, 2010; Milfont, 2007), como em “Eu sou a favor da criação de um programa de reciclagem” ou “Eu apoio o pagamento de uma taxa nos recipientes de bebidas.” Estes autores fundamentam a opção por esta definição a partir do argumento de que, continuamente, o homem toma decisões e estas implicam fazer avaliações e juízos de valor, embora estas possam ter sido influenciadas por crenças, afetos e comportamentos anteriores.

Quanto à estrutura das atitudes face ao ambiente, verifica-se na bibliografia falta de consenso nas pesquisas tradicionais sobre este tema, sendo as atitudes consideradas unidimensionais (dimensão afetiva), bidimensionais (dimensões cognitiva e afetiva), tridimensionais (dimensões cognitiva, afetiva e comportamental) e, mais recentemente, multidimensionais. Em 1978, Dunlap e Van Liere apresentavam as atitudes face ao ambiente como sendo um constructo unidimensional, variando entre não preocupado com o ambiente, no nível mais baixo, e o preocupado, significando que um indivíduo pode ter uma perspetiva pró-ambiental ou anti-ambiental, mas não ambas (Hebel, Montpied, & Fontanieu, 2014). Contudo, o modelo mais geral e tradicional considera que as atitudes têm três componentes: cognitiva, afetiva e volitiva/comportamental (Bogner & Wiseman, 2006; Gifford, 2007; Milfont & Duckitt, 2010). Da mesma forma, Fishbein e Ajzen (1974) e Grey (1985), citados por Bogner e Wiseman (2006), consideram que as atitudes face ao ambiente assumem a estrutura de uma rede com componentes cognitivas (factos, conhecimentos, compreensões), afetivas (emoções e sentimentos) e volitivos (ações e comportamentos). No entanto, os teóricos atuais tendem a sustentar que a cognição, o afeto e o comportamento não são constituintes das atitudes, mas sim a base a partir da qual a análise avaliativa geral de um objeto psicológico específico é derivada, ou seja, interação com as atitudes, mas não são parte das mesmas (Milfont & Duckitt, 2010).

Dunlap, Van Liere, Merting e Jones (2000) salientam que, embora alguns investigadores continuem a considerar as atitudes face ao ambiente como um constructo unidimensional, são mais frequentes na literatura os estudos que as consideram um constructo multidimensional, não sendo claro, contudo, quantas dimensões formam a estrutura horizontal das atitudes face ao ambiente. De

forma semelhante, Albarracín, Johnson e Zanna (2005, citados em Milfont & Duckitt, 2010) apontam que, mesmo considerando que o modelo dos três componentes se mantém como o entendimento tradicional sobre a estrutura das atitudes, a nova abordagem teórica prefere conceptualizar as atitudes como tendências avaliativas multidimensionais que tanto podem ser inferidas a partir de ou ter influência sobre crenças, afetos e comportamentos. De acordo com esta perspetiva, a estrutura das atitudes face ao ambiente pode ser caracterizada pela sua estrutura horizontal e vertical, ou seja, em termos psicométricos, por uma estrutura horizontal, correspondente aos fatores de primeira ordem (dimensionalidade), e por uma estrutura vertical, correspondente aos fatores de segunda ordem. Na investigação realizada por Milfont e Duckitt (2010) foram identificadas 12 perceções sobre ou crenças no ambiente natural como dimensões específicas das atitudes face ao ambiente, o que suporta a conceptualização da estrutura horizontal das atitudes. Em relação à estrutura vertical, estudos recentes sugerem uma estrutura com dois fatores de segunda ordem: Preservação e Utilização (Bogner & Wiseman, 2006; Milfont & Duckitt, 2004, 2010). Preservação expressa a crença geral de que deve ser dada prioridade à preservação da natureza e da diversidade das espécies no seu estado natural, protegendo-as da utilização e alteração causada pelos humanos. Utilização, pelo contrário, expressa a convicção geral de que é correto, adequado e necessário para a natureza e para todos os fenómenos naturais e espécies serem usados e alterados devido aos objetivos humanos (Gifford, 2007). Assim, os estudos mais recentes assumem que as atitudes face ao ambiente são um constructo multidimensional, organizado de forma hierárquica, assente numa única dimensão de segunda ordem (atitudes gerais), ou com duas dimensões de segunda ordem (preservação e utilização).

3. Metodologia

A opção metodológica que se revelou mais adequada ao âmbito e objetivo deste estudo foi a metodologia de investigação quantitativa. Com o objetivo de estudar relações entre as variáveis selecionadas, e visto que não se pretende efetuar modificações do ambiente dos sujeitos, nem realizar experiências com os mesmos, considerando as variáveis no seu meio natural, sem manipulação, utilizar-se-á uma metodologia de tipo relacional. Assim, o design de investigação adotado será um design *ex post facto*, do tipo correlacional. Este método não permitirá estabelecer relações de causa-efeito entre as variáveis independentes estudadas e as variações verificadas nas variáveis dependentes, mas possibilitará concluir se existem relações entre elas (Almeida & Freire, 2008).

A utilização de uma metodologia mediante a aplicação de um inquérito por questionário permite captar diretamente as perceções, pensamentos e sentimentos dos participantes, os quais podem

ser acedidos de forma anónima, gerando um momento de introspeção privada que convida cada participante a revelar as suas conceções sobre o problema em estudo. Contudo, esta forma de recolha de dados pode apresentar algumas limitações, como sejam: os dados obtidos apresentam apenas aquilo que o indivíduo está disposto a revelar sobre si mesmo e a sua vontade de colaborar na investigação (Hill & Hill, 2012; Tuckman, 2012). Assim, para aprofundar o conhecimento sobre aspetos que possam ficar menos claros na análise dos dados obtidos a partir dos questionários, coloca-se a hipótese de vir a realizar um segundo estudo, com aplicação de inquéritos por entrevista a uma amostra selecionada especificamente para o efeito, entre os participantes no primeiro estudo.

3.1 Amostra

Ao definir as linhas de pesquisa orientadoras desta investigação, optou-se por trabalhar com estudantes adolescentes portugueses, baseado na informação recolhida na literatura de referência que salienta haver poucos estudos sobre as atitudes face ao ambiente de jovens adolescentes. Assim, optou-se por trabalhar com alunos do 3.º ciclo do ensino básico e do ensino secundário, abrangendo predominantemente estudantes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, fazendo coincidir a faixa etária escolhida com o período central da adolescência, durante o qual os indivíduos se tornam mais capazes de realizar pensamentos abstratos e de fazer julgamentos racionais, aumentando a capacidade de tomar em consideração a perspetiva de outras pessoas e assumir papéis adultos. A especificação do grupo que constitui a população afeta a natureza das conclusões que se possam extrair do estudo (Tuckman, 2012), pelo que, ponderando as vantagens e desvantagens, assim como a informação disponibilizada pelos estudos empíricos consultados, optou-se por direcionar a investigação para os alunos que frequentam o ensino regular público de Portugal continental. Estas opções têm como fundamento dar mais uniformidade à população-alvo, evidenciando eventuais diferenças que possam estar associadas às variáveis independentes estudadas, e, por outro lado, caracterizar mais pormenorizadamente os percursos formativos, permitirá conhecer melhor os contextos educativos e as experiências de ensino vivenciadas pelos sujeitos estudados, o que pode contribuir para compreender melhor os resultados.

A amostra representativa da população definida, em termos de percurso letivo, estratificada em três níveis equidistantes, será constituída por cerca de 1200 jovens estudantes que frequentam o 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade, metade no interior do país (Bragança) e metade no litoral (Caldas da Rainha). A identificação dos estabelecimentos foi feita tendo por base a definição de uma das variáveis independentes a estudar: área geográfica (interior/litoral). A pressão ambiental que se coloca no litoral do país, devido ao crescimento demográfico, é bastante acentuada. Por outro lado, o interior

do país confronta-se com uma diminuição acentuada de população, que permite a manutenção de espaços rurais, bem como vilas e cidades, com menor pressão ambiental, mas que acarreta também economias mais frágeis. Estas diferentes realidades influenciam os estilos de vida das populações e isso poderá refletir-se na forma como os jovens se veem a si próprios e nas suas perceções sobre o ambiente.

3.2 Variáveis

As atitudes face a si próprios (autoconceito) e as atitudes face ao ambiente são consideradas neste estudo como variáveis dependentes. Com o intuito de estudar a possível influência do autoconceito sobre as atitudes face ao ambiente manifestadas pelos jovens alunos, considerar-se-ão estas últimas como variável dependente e aquele como variável independente. Como variáveis independentes serão ainda consideradas: a idade; o sexo; a área geográfica (interior *versus* litoral); o rendimento escolar (reprovações e classificações); a preferência pelas áreas de estudo (ciências *versus* letras); a situação laboral dos pais (empregados *versus* não empregados); o nível sociocultural da família (habilitações escolares dos pais); e o número de horas de TV. Tendo em vista analisar o efeito moderador do autoconceito considerar-se-ão as atitudes face ao ambiente como variável dependente e o autoconceito como variável moderadora, estudado simultaneamente com as outras variáveis independentes.

3.3 Instrumentos

As atitudes ambientais não podem ser observadas nem medidas diretamente, pelo que são denominadas variáveis latentes, mas podem ser observadas ou medidas a partir de um conjunto de outras variáveis, designadas variáveis componentes (Hill & Hill, 2012). Os questionários (e as entrevistas), ao “possibilitar o acesso ao que “está dentro da cabeça de uma pessoa” (...) permitem que os investigadores meçam o que uma pessoa (...) pensa (atitudes e crenças)”, informação essa que pode ser “transformada em números ou dados quantitativos utilizando escalas de atitudes (...) (Tuckman, 2012, p. 432). Em termos de formato, podem ser organizados com base em afirmações e as respostas podem ser estruturadas utilizando uma escala de medida com vários níveis, em que os sujeitos indicam a sua aprovação ou rejeição relativamente a uma atitude expressa numa afirmação.

O inquérito a utilizar na presente investigação consiste em questionários organizados com recurso a escalas de Likert, com respostas estruturadas em seis níveis: 1- Discordo totalmente; 2- Discordo bastante; 3- Discordo mais do que concordo; 4- Concorde mais do que discordo; 5- Concorde

bastante; 6- Concordo totalmente, tendo em vista obter dados relativos às atitudes dos sujeitos sobre os assuntos em questão. Com base na informação obtida na revisão bibliográfica e nos objetivos traçados, a recolha dos dados será feita através de um inquérito que inclui os seguintes instrumentos: “Environmental Attitude Inventory” (EAI-24) (Milfont & Duckitt, 2010); Escala de Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente (Martins & Veiga, 2001); Escala “Autoconcepto Forma 5” (AF5) (García & Musitu, 2014).

O instrumento “Environmental Attitude Inventory” foi desenvolvido em 2007, consistindo numa escala do tipo Likert, de 1-totalmente em desacordo a 5-totalmente de acordo. Foi validada inicialmente com 2150 participantes (estudantes e população em geral) de diversos países, tendo permitido encontrar um conjunto de 12 perceções sobre ou crenças no ambiente natural, identificadas como dimensões específicas das atitudes face ao ambiente: 1. Fruição da natureza; 2. Suporte para políticas de conservação intervencionistas; 3. Ativismo no movimento ambientalista; 4. Conservação motivada por preocupações antropocêntricas; 5. Confiança na ciência e tecnologia; 6. Fragilidade ambiental; 7. Modificação da natureza; 8. Comportamento pessoal de conservação; 9. Domínio dos seres humanos sobre a natureza; 10. Utilização da natureza pelos humanos; 11. Preocupação ecocêntrica; 12. Suporte para políticas de crescimento da população (Milfont & Duckitt, 2010). A adaptação do “Environmental attitude inventory” tendo em vista a sua utilização na presente investigação contemplou a sua conversão para uma estrutura com seis níveis, e a depuração do texto dos itens, para que fiquem com uma redação mais clara para o português usado em Portugal.

A Escala de Atitudes dos Jovens face ao Ambiente foi desenvolvida pela primeira vez em 1996, consistindo numa escala do tipo Likert, graduada em cinco níveis, de 1-totalmente em desacordo a 5-totalmente de acordo. Foi validada inicialmente com uma amostra de 411 participantes, 140 do 7.º ano, 132 do 9.º ano e 139 do 11.º ano, sendo 188 do sexo masculino e 223 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos e mostrou ter qualidades psicométricas adequadas à investigação (fiabilidade e validade) (Martins 1996; Martins & Veiga, 2001; Veiga, 2006b). Esta escala mede as atitudes dos participantes face ao ambiente, apresentando quatro dimensões: ações de proteção ambiental (APA), prevenção do sofrimento de animais (PSA); preocupação geral com o ambiente (PPA), e concordância com normas de proteção do ambiente (NPA) (Veiga, 2006b). A adaptação da Escala de Atitudes dos Jovens face ao Ambiente tendo em vista a sua utilização na presente investigação contemplou a conversão do formato de resposta para uma estrutura com seis níveis, e a seleção dos cinco itens em cada dimensão que apresentaram no estudo original índices de saturação mais elevados na análise da validade interna (todos acima de 0,39), ficando a escala modificada com 20 itens, cinco em cada dimensão. Foi efetuada também uma depuração do texto dos itens, para que fiquem mais sintéticos, com uma redação mais clara (por exemplo, o item inicial “Ler revistas ou livros que falam de ecologia e dos problemas ambientais é sempre muito aborrecido”,

alterou a sua redação para “ Ler coisas sobre problemas ambientais é aborrecido”) e a substituição de alguns termos ou expressões desatualizados por outras mais corretas ou mais usadas na atualidade (por exemplo, “Devíamos evitar usar produtos com “spray”, porque isso destrói a camada de ozono”, passou a ter a seguinte redação “Devemos evitar usar aparelhos de ar condicionado porque produzem gases que destroem a camada de ozono”).

A escala “Autoconcepto Forma 5” (AF5) foi publicada pela primeira vez em 1999, tendo sido validada com uma amostra de 6483 participantes, 2859 do sexo masculino e 3624 do sexo feminino, com idades compreendidas entre 10 e 62 anos (García & Musitu, 2014). Esta escala mede o autoconceito dos participantes em cinco dimensões: académica/profissional, familiar, física, social e emocional, consta de 30 elementos formulados em termos positivos e negativos, e o nível de resposta oscila de 1 a 99, sendo “1” a pontuação que designa total desacordo com a formulação do item e “99” um total acordo com ele, correspondendo a maior pontuação em cada um dos fatores mencionados a um maior autoconceito em determinado fator (García, Musitu, Riquelme & Riquelme, 2011). Atualmente é um dos instrumentos de avaliação do autoconceito mais amplamente utilizados com amostras espanholas, com bons indicadores psicométricos, e um dos poucos que mede o autoconceito de forma multidimensional (García, Gracia, & Zeleznova, 2013). Na adaptação da escala “Autoconcepto Forma 5” (AF5) tendo em vista a sua utilização na presente investigação fez-se a conversão do formato de resposta para uma estrutura com seis níveis, com oscilação das pontuações entre 1-Discordo totalmente e 6-Concordo totalmente, e a adequação dos itens referentes à dimensão profissional para uma formulação que permita fazer uma apreciação da dimensão académica.

3.4 Procedimento

Após a construção do inquérito efetuou-se um estudo preliminar, ou teste-piloto, dado que o mesmo revela-se uma precaução importante, que possibilita a melhoria do instrumento antes da sua redação definitiva, revelando eventuais imperfeições, como sejam a falta de discriminabilidade, a ambiguidade da redação dos itens, ou o excesso de sensibilidade (Tuckman, 2012). O estudo piloto realizado foi administrado a um grupo de 57 sujeitos do 7.º ano de escolaridade, que fazem parte da população estatística a que se pretende aplicar o teste, mas que não farão parte da amostra. A opção de aplicar o teste-piloto a alunos do 7.º ano foi tomada por se considerar que os alunos mais novos podem ter mais problemas de compreensão dos termos e expressões e demorar mais tempo a responder. O preenchimento do inquérito foi feito *online*. A cada um dos grupos foram explicados previamente os objetivos do estudo, a relevância da colaboração, assim como as normas de preenchimento e os critérios de anonimato. Depois de terminada a recolha de dados, estes foram

compilados diretamente pelo programa informático para uma folha de dados em *Excel* e exportados para o *software* SPSS, tendo-se efetuado estatísticas descritivas, nomeadamente o cálculo dos valores médios e desvios-padrão dos itens, assim como os cálculos das frequências. O estudo preliminar efetuado permitiu determinar que o tempo médio de duração da aplicação do inquérito foi de 20 minutos. Tendo-se verificado que alguns termos constantes nas questões sociodemográficas suscitaram algumas dúvidas, os mesmos foram clarificados no inquérito final.

A recolha de dados será efetuada em sala de aula, com a presença da investigadora, mas sem a interferência desta na produção das respostas por parte dos sujeitos. No início de cada sessão serão dados esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, com ênfase na necessidade de que as respostas estejam de acordo com o que cada um pensa e sente, com a máxima sinceridade. É também garantido aos participantes que as respostas são anónimas e tratadas estatisticamente, de modo a que não seja possível identificar quem respondeu. Previamente à aplicação do inquérito para recolha de dados foi efetuado o pedido de autorização à equipa de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME) do Ministério da Educação, tendo o mesmo sido autorizado e registado com o n.º 0533400001 na plataforma *online* daquela entidade. A partir da aprovação pelo MIME, foram contactados os Diretores de cada um dos seis Agrupamentos de Escolas participantes no estudo, tendo em vista a obtenção da sua autorização e a planificação das deslocações às escolas para recolha dos dados.

4. Resultados esperados

O projeto de tese apresentado visa encontrar respostas para o seguinte Problema de investigação: *Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios (autoconceito) (AFSP) e face ao ambiente (AFA), como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores?* Espera-se que os resultados permitam proceder à caracterização das atitudes analisadas e encontrar relações consistentes entre as atitudes face a si próprios (autoconceito) e as atitudes face ao ambiente dos jovens alunos do ensino básico e secundário, portugueses, assim como informação que permita entender os fatores de que dependem. A análise dos dados será efetuada com utilização do programa estatístico SPSS. Para determinar a consistência interna ou fiabilidade das escalas utilizadas, efetuar-se-á uma análise exploratória dos dados através da estatística *alpha de Cronbach*. Serão também realizadas análises fatoriais em cada uma das escalas, com o objetivo de estudar a relação entre os respetivos itens (variáveis componentes) e identificar os fatores/dimensões que compõem cada escala. Determinar-se-á ainda o coeficiente *alpha de Cronbach* para verificar a fiabilidade dos fatores nos grupos constituídos com base em cada uma das variáveis independentes estudadas. Prosseguir-

se-á com uma análise estatística descritiva dos dados, através da apresentação das medidas de tendência central e das medidas de dispersão e depois com a realização de análises estatísticas inferenciais, correlacionais (*r de Pearson*) e diferenciais (ANOVA e Regressão), para se estudar como se relacionam entre si estas variáveis.

Referencias

- Almeida, L. S., & Freire, T.** (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Bogner, F. X., & Wiseman, M.** (2006). Adolescents' attitudes towards nature and environment: Quantifying the 2-MEV model. *Environmentalist*, 26, 247–254.
- Bonnes, M., & Bonaiuto, M.** (2002) Environmental psychology: from spatial-physical environment to sustainable development. In R. B. Bechtel & A. Churchman (Eds.) *Handbook of environmental psychology* (pp. 28-54). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Dunlap, R. E.** (2002). Environmental Sociology. In R. B. Bechtel & A. Churchman (Eds.) *Handbook of environmental psychology* (pp. 160-171). New York: John Wiley and Sons, Inc.
- Dunlap, R. E., & Van Liere, K. D.** (1978). The “New Environmental Paradigm”: A proposed measuring instrument and preliminary results. *The Journal of Environmental Education*, 9 (4), 10–19.
- Dunlap, R. E., & Van Liere, K. D., Merting, A. G., & Jones, R. E.** (2000). Measuring endorsement of the new ecological paradigm: a revised NEP scale. *The Journal of Social Issues*, 56, 425–442.
- Fuentes, M. C., García J. F., Gracia, E., & Lila, M.** (2011). Autoconcepto y ajuste psicosocial en la adolescencia. *Psicothema*, 23 (1), 7–12.
- García, F., & Musitu, G.** (2014). AF5: *Autoconcepto Forma 5. Manual* (4a edición revisada y ampliada). Madrid: Tea ediciones.
- García, F., Gracia, E., & Zeleznova, A.** (2013). Validation of the English version of the Five-Factor Self-Concept Questionnaire. *Psicothema*, 25, 549–555.
- García, I. S.** (1998). *Autoconcepto y adolescencia. Teoría, medida y multidimensio-nalidad*. Didáctica i Psicopedagogia, 8. Palma: Universitat de les Illes Balears.
- García, J. F., Musitu, G., Riquelme, E., & Riquelme, P.** (2011). A confirmatory factor analysis of the «Autoconcepto Forma 5» questionnaire in young adults from Spain and Chile. *Spanish Journal of Psychology*, 14, 648–658.
- Gifford, R.** (2007). *Environmental Psychology: Principles and Practice* (4a ed.). Colville, WA: Optimal Books.
- Hawcroft, L. J., & Milfont, T. L.** (2010). The use (and abuse) of the new environmental paradigm scale over the last 30 years: A meta-analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 143–158.

- Hebel, F., Montpied, P. & Fontanieu, V. (2014).** What can influence students' Environmental attitudes? Results from a Study of 15-year-old students in France. *International Journal of Environmental & Science Education*, 9, 329-345.
- Hill, M., & Hill, A. (2012).** *Investigação por questionário* (2a ed.). Lisboa: Ed. Sílabo.
- Hunter, L. M. (2000).** A comparison of the environmental attitudes, concern, and behaviors of native-born and foreign-born U.S. residents. *Population and Environment: A Journal of Interdisciplinary Studies*, 21, 565-580.
- Marsh, H. W. (2006).** Self-concept theory, measurement and research into practice: The role of self-concept in educational psychology. Leicester, UK: British Psychological Society.
- Marsh, H. W., & Craven, R. G. (2006).** Reciprocal effects of self-concept and performance from a multidimensional perspective: Beyond seductive pleasure and unidimensional perspectives. *Perspectives on Psychological Science*, 1 (2), 133-163.
- Marsh, H. W., Byrne, B. M., & Shavelson, R. J. (1988).** A multifaceted academic self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, 80, 366-380.
- Martins, M. C. (1996).** *Atitudes dos jovens face ao ambiente: perspectiva diferencial e desenvolvimentista*. Tese de Mestrado. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Martins, M. C., & Veiga, F. H. (2001).** *Atitudes face ao ambiente: elaboração de uma escala de atitudes dos jovens face ao ambiente*. In Actas do VI Cong. Galaico-Português de Psicopedagogia, Braga.
- Milfont, T. L., & Duckitt, J. (2004).** The structure of environmental attitudes: A first- and second-order confirmatory factor analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 24, 289-303.
- Milfont, T. L., & Duckitt, J. (2010).** The environmental attitudes inventory: a valid and reliable measure to assess the structure of environmental attitudes. *Journal Environmental Psychology*, 30, 80-94.
- ONU (2015).** *The Millennium Development Goals Report 2015*. New York: United Nations. Consultado em 18/08/2015, em <http://www.un.org/millenniumgoals/>.
- Schmidt, L., Nave, J. G., & Guerra, J. (2010).** *Educação ambiental: balanço e perspectivas para uma agenda mais sustentável*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Schultz, P. W., Gouveia, V. V., Cameron, L. D., Tankha, G., Schmuck, P., & Franek, M. (2005).** Values and their relationship to environmental concern and conservation behavior. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 457-475.
- Shavelson, J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976).** Autoconceito: validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46 (3), 407-442.
- Tuckman, B. (2012).** Manual de investigação em educação. Metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica (4a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veiga, F. H. (1989).** Escala de autoconceito: adaptação portuguesa do "Piers-Harris Children's Self-Concept Scale". *Psicologia*, VII (3), 275-284.

- Veiga, F. H.** (2006a). Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Revista de Educação e Psicologia*, 2, 39-48.
- Veiga, F. H.** (2006b). Atitudes dos jovens face a si próprios e ao meio ambiente. In M. F. Patrício (Ed.). *Educação e Formação Profissional: As perspetivas do Movimento da Escola Cultural* (pp. 121-138). Porto: Porto Editora.
- Veiga, F. H.** (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (3a ed.). Lisboa: Editora Fim de Século.
- Veiga, F. H.** (Coord.) (2013). *Psicologia da educação: Teoria, investigação e aplicação – Envolvimento dos alunos na escola*. Lisboa: Climepsi Editora.